

# Bovespa lidera aplicações em outubro

362

*Valorização foi de 6,89%; ouro e dólar, campeões em setembro, recuaram aos últimos lugares*

**TOM MOROOKA**

**U**ma forte alta de 7,79% no pregão de ontem, o último do mês, assegurou à Bolsa de São Paulo um rendimento de 6,89% e a liderança na lista dos investimentos de melhor rentabilidade em outubro. Os fundos DI de 60 dias, com rendimento de 2,32%, vieram em seguida, acompanhados das demais aplicações de renda fixa. O rendimento de todas elas embutiu ampla margem de ganho real acima da inflação de 0,08% calculada pelo IGPM. A dupla verde-amarela, que ocupou o topo das aplicações mais rentáveis em setembro, voltou à condição de lanterninha. O ouro, que havia avançado 8,25%, desvalorizou-se 1,39%; e o dólar paralelo, que subiu 5,98%, recuou 5,26% no mês.

A súbita reviravolta da Bolsa de São Paulo, que até o dia anterior acumulava desvalorização de 0,83%, traduz a forte instabilidade nos pregões. Pressionado pelas incertezas com a persistente manutenção do déficit cambial, embora em menor volume, em geral entre US\$ 300 milhões e US\$ 500 milhões ao dia em outubro, o mercado financeiro voltou as expectativas às medidas do pacote fiscal, divulgadas apenas na quarta-feira, e

## CORRIDA DOS INVESTIMENTOS

Em %

Aplicações	Rendimento	Aplicações	Rendimento
Bolsa de São Paulo	6,89	CDB (valor de R\$ 10 mil)	1,68
Fundos DI 60 dias	2,32	Caderneta	1,39
Fundos de Renda Fixa 60 dias	2,25	Dólar comercial	0,69
CDB (valor acima de R\$ 100 mil)	2,07	Inflação (IGPM)	0,08
Fundos de Renda Fixa 30 dias	1,90	Ouro	-1,39
		Dólar paralelo	-5,26

*Fontes: Associação Nacional dos Bancos de Investimento (Anbidi), Banco Central, Bolsa de Valores de São Paulo, Fundação Getúlio Vargas, Bolsa de Mercadorias & Futuros, Suas Contas*

*ArtEstad*

aos entendimentos para um acordo com o Fundo Monetário Internacional (FMI).

Um fato que relaxou a tensão que a crise de confiança dos investidores no Brasil espalhou pelo mundo foi a inesperada decisão tomada dia 15 pelo Federal Reserve (Fed, o banco central dos EUA) de reduzir a taxa básica de juros norte-americana de 5,25% para 5% ao ano. O corte dos juros deu alento à Bolsa de Nova York, embora a valorização desse mercado nem sempre tenha sido estendida às bolsas domésticas. O temor de possível desvalorização do real manteve os dólares em fuga do País.

O comunicado conjunto, divulgado pouco depois, em que o FMI endossou a política cambial brasileira, afastando, em tese, o risco de uma maxidesvalorização cambial, não foi suficiente para atrair novamente o investidor externo. A participação do capital estrangeiro é condição necessária, segundo analistas, para a expansão de negócios e valorização das ações. O anúncio do programa de ajuste fiscal não deu o esperado empurrão nas bolsas. A reação, porém, foi positiva aos sinais mais claros, emitidos ontem no exterior, de formação de uma linha de crédito a países emergentes.